

O ENSINO DE LITERATURA E AS PRÁTICAS DE LEITURAS LITERÁRIAS DOS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

LITERATURE TEACHING AND LITERARY READING PRACTICES OF YOUNG HIGH SCHOOL STUDENTS

<https://doi.org/10.20873/ufft2179-3948.2020v11n3p128-147>

Patricia Rosicleia da Silva Sodré¹
Arlene Batista da Silva²

Resumo: Esse artigo resulta da pesquisa de mestrado³ sobre as experiências literárias dos alunos concluintes da educação básica em uma escola estadual do Espírito Santo. Com o objetivo de compreender como ocorrem suas práticas de leituras, buscou-se mostrar as experiências escolares e não-escolares dos alunos com textos literários. Para isso respaldamos nossa análise nos seguintes teóricos: Candido (1972, 2000); Chartier (2002, 2011); Rouxel (2012, 2013), Rezende (2011, 2013, 2018), entre outros.

Palavras-chave: ensino de literatura; experiências literárias; Ensino Médio; práticas de leituras literárias.

Abstract: This article is the result of a master's degree research on the literary experiences of high school graduates of a public school in the state of Espírito Santo. To understand how their reading practices take place, the study investigated students' school and non-school experiences with literary texts. The theoretical basis of the analysis relies mainly on: Candido (1972, 2000); Chartier (2002, 2011); Rouxel (2012, 2013), Rezende (2011, 2013, 2018), among others.

Keywords: literature teaching; literary experiences; high school; practices of literary readings.

¹ Graduada em Letras Português/Espanhol pela Univap/SP, Mestra e Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Atua como professora efetiva da rede pública estadual do Espírito Santo, onde leciona Língua Portuguesa para alunos do Ensino Médio. Integra o Grupo de Pesquisa Literatura e Educação (Ufes). E-mail: profpatysodre@gmail.com

² Graduada em Língua Portuguesa e Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Atualmente é professora titular na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), trabalhando no Curso Letras Libras Bacharelado. Integra o Grupo de Pesquisa Literatura e Educação e coordena o Grupo de Estudos em Línguas de Sinais, Interpretação e Tradução (LISIT/Ufes). E-mail: arleneincrive@gmail.com

³ SODRÉ, Patricia R.S. *O Universo Literário de Jovens Leitores: Relatos de Experiências*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020. (Defendida em 25/06/2020).

Introdução

Pensar sobre as práticas de leitura literária e a apropriação da literatura pelo sujeito leitor é considerar as múltiplas possibilidades que essa forma de conhecimento oferece aos seres humanos. Tais ações contribuem para o enriquecimento pessoal, tanto nos termos das reflexões e pensamentos que proporcionam, quanto na percepção das experiências humanas e do mundo. Como ressalta Rezende (2018, p. 94), “as narrativas constroem conhecimentos imprescindíveis porque permitem a compreensão dos conflitos e particularidades do humano que escapam à racionalidade”.

Reconhecida essa relevância, procuramos observar as práticas de leitura literária dos alunos da terceira série⁴ do Ensino Médio, concluintes da educação básica, uma vez que estão finalizando uma longa etapa de aprendizagem, em que se supõe a consolidação de diferentes conhecimentos e vivências dos textos literários. Todavia, consideramos não somente as práticas de leitura que foram proporcionadas pelas atividades educativas realizadas no âmbito escolar, mas também aquelas ocorridas em diferentes contextos sociais da vida cotidiana do aluno, por escolhas espontâneas, conforme seu interesse. Dessa maneira, buscamos compreender como essas duas instâncias de práticas de leituras estão relacionadas e de que modo as atividades de literatura promovidas pela escola resultaram em experiências significativas para esses alunos.

A pesquisa de mestrado realizada baseia-se na análise e interpretação dos dados coletados por meio da aplicação de questionário online para cento e setenta e nove alunos e entrevista individual com seis alunos. Os pressupostos teóricos adotados foram a ideia de função humanizadora da literatura de Antonio Candido (1972, 2011) e as noções de práticas de leitura, apropriação e representação a partir do pensamento de Chartier (2002, 2011). Este autor propõe que a leitura seja compreendida como um ato criativo e não passivo, sendo, em seu ponto de vista, por meio da percepção da diversidade de práticas do sujeito leitor que se evidenciam as representações.

Nosso trabalho visou a transformar os depoimentos coletados ao longo do desenvolvimento da pesquisa em material de análise e reflexão útil a discussões e outras pesquisas sobre o ensino de literatura e à prática da leitura literária, como importantes instrumentos de formação humana, levando em conta as considerações da professora e

⁴ A referência dos anos do Ensino Médio em séries está de acordo com a Matriz da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo. Disponível em: https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/Curr%C3%ADculo/3_Ensino%20Medio%20Regular.pdf. Acesso em 24 out. 2020.

pesquisadora Neide Rezende (2014) quando diz: “Pensar em formação do leitor supõe mergulhar no momento histórico em que vivemos e atualizar a noção, que é extremamente variável tanto como prática social quanto como prática escolar”.

1 Experiências literárias

Ao pensarmos no compartilhamento das experiências de leituras literárias como estratégia para o ensino da literatura, estamos considerando a possibilidade de o professor, mediador do processo formativo, poder ampliar o repertório sociocultural dos estudantes, estimulando-os a refletir sobre a realidade, a expressar seus sentimentos e posicionamentos diante de variados assuntos e a ver “o mundo com seus problemas e desafios” (DALVI, 2012, p. 25).

Sabemos, no entanto, que no espaço escolar, onde a dinâmica é muito intensa e a exigência do cumprimento do programa curricular é pauta diária na agenda da equipe pedagógica, torna-se um grande desafio garantir um tempo adequado para os alunos vivenciarem satisfatoriamente experiências de leitura literária. Outro agravante é o número excessivo de alunos em sala de aula, o que prejudica a tranquilidade e a concentração necessárias para a prática da leitura. Essas más condições são responsáveis, em grande medida, pela opção por explicações historiográficas sobre os períodos literários, sem que se desenvolva propriamente a leitura dos textos, como requerem os diversos estudiosos e pesquisadores do ensino de literatura.

Diante de tal cenário, defendemos que a leitura do texto literário é necessária no espaço da sala de aula, uma vez que configura um instrumento de reflexão sobre o ser humano e o mundo, possibilitando ao leitor ampliar sua percepção sobre a vida e desenvolver sua expressão essencialmente humana (CANDIDO, 1972) como as emoções, os sentimentos, a disposição para com o outro, a capacidade de perceber a complexidade do mundo e de se constituir como sujeito leitor.

Nesse tocante, com base na definição de Antonio Candido, a literatura entendida como arte “é um sistema simbólico de comunicação inter-humana” (CANDIDO, 2000, p. 33) e, desse modo, ao defender o poder humanizador da literatura, o autor enfatiza “a capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem” (CANDIDO, 1972, p.81). Isso, para ele, evidencia as diferentes funções da literatura que estariam relacionadas às possibilidades de apreensão da obra pelo leitor, cujo modo de ler e compreender depende da condição com que a realiza, podendo reagir ao que foi lido, bem como expressar-se a partir do que leu.

Candido ressalta que a fantasia é necessária ao ser humano, seja como projeção de conquistas futuras, seja para preencher um vazio que a solidão ou angústia provoca. Nas situações de maior desespero em que o indivíduo possa se encontrar, a busca pelo ficcional desempenha um papel acalentador e, em muitos casos, mergulhar na dimensão da fantasia permite uma retomada do equilíbrio e da serenidade.

Com efeito, muitas vezes escutamos de um aluno que a leitura de determinado livro literário lhe proporcionou o distanciamento temporário de situações difíceis e conflitantes no ambiente familiar, tendo sido fundamental para sua recuperação emocional e ampliação de suas possibilidades de ação. Do mesmo modo, há jovens leitores que buscam na ficção a ampliação de seu imaginário, a possibilidade criativa que a obra lhe oferece, como ficará evidente na apresentação dos dados da pesquisa.

Para entendermos como se dá essa relação entre o aluno leitor e o texto literário, recorreremos à história da leitura a partir das considerações do historiador francês Roger Chartier. Segundo ele, as maneiras de ler são variáveis e estão relacionadas ao contexto social e à condição histórica dos diferentes leitores, bem como o processo de produção da obra lida.

[...] pensar que os atos de leitura que dão aos textos significados plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão do seu texto, mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja como um objeto explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo (CHARTIER, 2011, p. 78).

Levando a efeito esse raciocínio, observamos a consideração do historiador com a relação de criação, produção e prática de leitura como elementos interdependentes do processo histórico cultural do indivíduo. Em outras palavras, a prática da leitura e todo o processo de compreensão do ato de ler são variações históricas e culturais que abarcam tanto o contexto de leitura quanto a produção do material cultural.

Sendo assim, enquanto prática, entende-se a forma como o indivíduo organiza sua leitura e a realiza, demonstrando a habilidade do leitor, suas preferências e os sentidos singulares atribuídos ao texto lido. Tais ações, de acordo com o historiador, revela que “as maneiras como um indivíduo ou um grupo se apropria de um motivo intelectual ou de uma forma cultural são mais importantes do que a distribuição estatística desse motivo ou dessa forma” (CHARTIER, 2002, p. 51). Em outras palavras, trata-se da possibilidade de se estabelecer uma pluralidade de sentidos ao que se lê, uma vez que, para o intelectual francês, “todo o texto é o produto de uma leitura, uma construção do seu leitor” (CHARTIER, 2002, p. 61). Levando-se em conta os fundamentos da história da leitura, compreende-se o texto

literário em suas plurissignificações, permitindo ao leitor uma atividade inventiva e criadora que independe das pretensões do autor. Conforme Chartier,

Por um lado, a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou de fazedores de livros [...]. Por outro lado, o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la (CHARTIER, 2002, p. 123).

Nessa perspectiva, é importante refletirmos sobre os fatores responsáveis pela formação leitora de jovens estudantes e sobre as significações plurais construídas por eles, dentro do universo de possibilidades que o texto oferece.

A respeito da história das práticas de leitura, importa reconhecer os paradigmas adotados em cada época, visto que “cada uma das ‘maneiras de ler’ comporta os seus gestos específicos, os seus próprios usos do livro, o seu texto de referência, cuja leitura se torna o arquétipo de todas as outras” (CHARTIER, 2002, p. 131, grifo do autor).

Chartier recorre à noção de apropriação para referir-se à maneira como o leitor apreende o texto, compreendendo-o e estabelecendo uma relação de sentido, conforme o repertório cultural que possui, ou seja, as apropriações são formas diferenciadas de interpretação articuladas pelo sujeito leitor (CHARTIER, 2002).

Sob essa ótica, observamos, nas práticas de leituras realizadas pelos alunos participantes de nossa pesquisa, variadas formas de apropriação e representação dos textos literários, conforme o repertório cultural e literário deles, o que evidencia “a invenção criadora no próprio cerne dos processos de recepção” (CHARTIER, 2002, p. 136). Essa condição inerente à leitura revela traços da história cultural de uma sociedade, visto que demonstra os diferentes usos que os leitores fazem dos materiais literários. Seguindo a perspectiva de Chartier, a variedade de leituras seria um importante meio de consolidar o repertório com o qual as novas leituras poderão ser confrontadas. Nesse sentido, as diversas leituras literárias realizadas pelos alunos, sujeitos da nossa pesquisa, poderiam ter sido potencializadas com o apoio dos professores. Efetivamente, não se pode ignorar que o professor desempenha um importante papel nesse processo, uma vez que pode auxiliar a expandir esse horizonte e incentivar as práticas de leituras em sala de aula, como está previsto nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEM):

O estatuto do leitor e da leitura, no âmbito dos estudos literários, leva-nos a dimensionar o papel do professor não só como leitor, mas como mediador, no contexto das práticas escolares de leitura literária. A condição de leitor direciona, em larga medida, no ensino da Literatura, o papel dos mediadores para o funcionamento de estratégias de apoio à leitura da Literatura, uma vez que o professor opera

escolhas de narrativas, poesias, textos para teatro, entre outros de diferentes linguagens que dialogam com o texto literário. Essas escolhas ligam-se não só às preferências pessoais, mas a exigências curriculares dos projetos pedagógicos da escola (OCEM, 2006, p.72).

Entretanto, o que se observa em sala de aula está muito distante do que almeja o documento oficial, uma vez que as práticas do ensino de Língua Portuguesa vêm sendo direcionadas para preparar os alunos do Ensino Médio para as provas externas, como o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, principalmente em turmas da terceira série, como podemos observar nos dados da pesquisa de mestrado. Muitas vezes, o trabalho com a literatura serve apenas como treino para preparar os alunos para as questões do ENEM, sem que o estudo das obras literárias especificamente ocorra.

Para Rouxel (2012), pensar na perspectiva da experiência de leitura literária é levar em conta a relação estabelecida entre obra e leitor e na identificação deste com o texto, conforme seu universo de conhecimento e também sua vivência, o que, para a autora, seria sua bagagem cultural, composta de “referências pessoais e referências comuns reconfiguradas pela subjetividade do leitor”. Dessa forma, Rouxel (2012) ressalta:

O interesse pelas experiências de leitura nos convida a pensar sobre a experiência primeira de leitura e o movimento de empatia que produz uma compreensão profunda do texto. [...] A leitura é sempre uma afirmação de si diante do texto e cada leitura conduz a uma recomposição das representações e do repertório de valores do leitor (ROUXEL, 2012, p. 16-17).

A autora defende que a experiência de leitura literária na escola seja uma oportunidade de oferecer aos alunos leitores múltiplas possibilidades de aprendizagens e uma “relação feliz entre leitura e literatura” (ROUXEL, 2012, p. 19). Além disso, é importante considerar o percurso formativo do aluno como ponto de partida para o desenvolvimento de habilidades de leitura e compreensão dos textos literários.

No Ensino Médio e também na universidade, trata-se de instituir a subjetividade, de encorajar o leitor a ir mais fundo em si mesmo de modo a descobrir seu próprio pensamento; na aventura interpretativa, é preciso ter a coragem de se aventurar não apenas no desconhecido do texto, mas no desconhecido que está em nós mesmos. Para o leitor, o texto é uma oportunidade de conhecer, de ler a si mesmo (ROUXEL, 2012, p. 20).

Quanto à condição propícia para a efetivação da experiência de leitura literária, uma vez que o texto desencadeia sensações e emoções, e que estas requerem envolvimento e entrega do sujeito, haveria a necessidade de uma mudança na formatação do ensino de literatura de modo a favorecer a prática da leitura no espaço escolar.

Segundo Rezende (2011), no Ensino Médio não houve mudança significativa nas práticas de ensino da literatura e isso estaria relacionado à formação do professor e seu papel

de leitor assíduo e reflexivo, pois seriam fatores essenciais para que houvesse uma transformação no trabalho com os textos literários. A pesquisadora salienta que o fato de muitos professores direcionarem o ensino de literatura tendo o livro didático como o principal recurso de estudo, sem desenvolverem “uma análise competente do texto” (REZENDE, 2011, p. 274) de forma autônoma e baseada em seu conhecimento de literatura, não contribui para aproximar o aluno das obras literárias. Assim, a atuação docente fica restrita a seguir o programa curricular, limitando o estudo literário à leitura e análise de fragmentos das obras.

De acordo com Neide Rezende:

O manual acaba de fato por sacralizar e canonizar a obra, uma vez que, enquanto não se vê obrigado a mudar pelas normas oficiais, segue as leis do mercado e reproduz (vender o *novo*, mas não o original) as mesmas referências literárias, cujos comentários, análises, interpretações são fragmentos colhidos em estudos com autoridade no campo, de modo a consubstanciar a importância emblemática da obra no interior de tal gênero ou período, muitas apresentando como complementares visões distintas e contraditórias. Os conteúdos mantêm-se centrados no estudo de um cânone escolarizado, mas a leitura dessas obras foi substituída pelos resumos e explicações pretensamente históricas (REZENDE, 2011, p. 274).

Diante desse cenário, nos perguntamos: de que maneira o estudo de literatura nessa configuração poderia contribuir para a experiência estética do jovem aluno? Como seria construído seu trajeto singular de leitor de literatura, por meio dessas atividades escolares, se o estudante não está tendo oportunidade de experimentar a leitura literária de maneira efetiva?

Rezende (2011) observa que

é necessário repensar o sentido do ensino da literatura, levando-se em consideração o momento histórico em que vivemos, junto com uma reflexão sobre a importância desse conceito – ‘literatura’ – para a escola, se se considera hoje (segundo a tendência tanto em discussões acadêmicas, quanto dos novos documentos oficiais) como um dos objetivos dessa escola ensinar o conhecimento acumulado pela humanidade e promover o acesso do aprendiz a formas mais complexas de produção cultural, tanto as da tradição quanto as contemporâneas. (REZENDE, 2011).

Além das mudanças ocorridas no universo literário a que esses jovens têm acesso, é preciso considerar a diversidade de suportes, observar as práticas múltiplas de leitura, e as formas de narrativa ficcional como é o caso de dos filmes e séries distribuídos no formato *streaming* e que se imiscuem no tempo e no espaço da leitura de livros. Não se pode desconsiderar, ainda, a dificuldade de acesso ao livro em decorrência da falta de bibliotecas públicas e escolares que funcionem adequadamente.

No entanto, apesar de todas as dificuldades e exigências que dificultam o trabalho do professor com a literatura e os textos literários, defendemos que haja um espaço mais significativo para a prática de leitura em sala de aula, na tentativa de aliar as atividades literárias a outras mídias e suportes eletrônicos para que despertem o interesse de nossos

alunos e contribuam para sua formação humana. Por isso, seguimos buscando novas maneiras de chamar a atenção da comunidade escolar para as possibilidades que o ensino de literatura oferece.

2 A pesquisa exploratória

Buscamos organizar a análise e a interpretação dos dados coletados, visando a compreender como se configuram as experiências culturais dos jovens estudantes e, para isso, estabelecemos como categoria de análise a função humanizadora da literatura, seguindo o pensamento de Antonio Candido (1972) ao referir-se ao papel social da obra literária. As práticas de leitura, apropriação e representação ressignificadas por Roger Chartier (2002, 2011) também servem como referência para a compreensão sobre as diferentes maneiras que o sujeito leitor se relaciona com os textos literários.

Para o desenvolvimento da pesquisa, conduzimos o levantamento de dados a partir da aplicação do questionário para 179 alunos da terceira série do Ensino Médio, composto de perguntas fechadas e abertas. Procuramos obter informações e um panorama sobre a situação socioeconômica dos pais ou responsáveis por esses alunos como também sobre as práticas culturais e de leituras deles. Em seguida, realizou-se a entrevista individual com seis alunos selecionados, levando em consideração alguns aspectos: aqueles que sinalizaram, no penúltimo item do questionário, que tinham interesse em participar da entrevista; apresentaram uma diversidade de textos literários como opção de leituras realizadas; e atribuíram importância às obras literárias.

Ao longo de todo desenvolvimento da pesquisa, buscou-se respeitar as múltiplas dimensões sociais que compõem o universo desse jovem estudante (PETIT, 2009), bem como as especificidades de cada um, seu repertório de vida, sua maneira de se colocar diante do outro, das situações adversas e a forma com que compreende a literatura e se relaciona com a obra literária, mediante práticas, apropriações e representações da leitura. Ressalta-se que para tornar mais profícuo o momento das entrevistas foi adotado um roteiro inicial, com base na tipologia de entrevista semiestruturada (MOREIRA, 2008), por possuir uma ordenação das possíveis perguntas, embora se permita que o entrevistado desenvolva suas respostas livremente.

Os dados apresentados no presente estudo se pautaram na transcrição, análise e interpretação dos depoimentos e respostas dos alunos participantes, visando a compreender como esses estudantes iniciaram seu percurso no mundo da leitura literária, quais são suas

preferências de leitura e como as atividades de literatura promovidas pela escola resultaram em experiências significativas com as obras literárias para eles. Somado a isso, importava observar quais estratégias utilizadas pelos professores, na visão desses alunos, foram interessantes e despertaram o interesse pela leitura das obras. Trata-se, assim, de tornar visíveis, a partir dos relatos dos pesquisados, as práticas, apropriações e representações das leituras de textos literários realizadas por esses jovens, para conhecermos o percurso formativo dos sujeitos leitores.

Para emprendermos tal investigação, optamos pela pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, pelo aspecto dinâmico que tal abordagem contempla e por identificarmos que há pouca pesquisa disponibilizada nos repositórios acadêmicos, nos últimos vinte anos, sobre as práticas de leituras literárias dos alunos da terceira série do Ensino Médio. O interesse por essa etapa de escolaridade se deu por tratar-se de estudantes que passaram por toda a educação básica e, certamente, vivenciaram momentos de leituras no ambiente escolar, os quais fazem parte de sua memória e podem revelar de que maneira tais ações pedagógicas foram significativas e contribuíram para sua formação leitora.

Utilizar questões abertas e fechadas ofereceu a possibilidade de coletar dados sobre a formação acadêmica dos pais ou responsáveis, bem como sobre suas práticas culturais, pois acreditamos que tais informações podem facilitar a compreensão sobre a formação leitora desses sujeitos. Com essa abordagem, os alunos tiveram a oportunidade de escrever mais a respeito de suas vivências de leitura, e, assim, possivelmente, ajudar na análise das informações, uma vez que traria a percepção de cada pesquisado sobre suas experiências de leitura literária.

Quanto à modalidade da entrevista semiestruturada, foi pensada a partir de um roteiro flexível de perguntas, as quais poderiam ser complementadas, conforme o encaminhamento da entrevista. Nesse caso, a elaboração dos tópicos permite que sejam contemplados vários aspectos relacionados às práticas de leituras literárias dos estudantes, bem como suas representações e apropriações das obras lidas.

A etapa da realização de entrevistas ocorreu no espaço escolar, em horário preestabelecido para que não fosse prejudicial ao aluno. Ao longo das interlocuções, conforme a necessidade, foram complementadas as perguntas feitas pelos estudantes, com o propósito de obtermos mais dados sobre suas práticas de leituras e outras questões afins. Importa igualmente destacar que, para este artigo, serão apresentados alguns dados analisados

sobre as vivências de leituras literárias dos participantes da pesquisa, devido ao limite de páginas.

3 Com a palavra, os jovens leitores

Os participantes de nossa pesquisa são alunos da terceira série do Ensino Médio, com idades que variam entre 16 e 19, tendo a maioria 17 anos. Por se tratar de uma escola especificamente de Ensino Médio, a maior parte dos estudantes está ali matriculada desde a primeira série, oriundos de instituições públicas do município, porém há um quantitativo pequeno que cursou o Ensino Fundamental em instituições privadas e ingressou, posteriormente, na rede pública. A explicação para tal mudança de rede, segundo alguns estudantes, se dá por questões econômicas dos pais ou pela opção de terminar a educação básica na escola pública e aliar os estudos a cursos preparatórios para o ENEM, para a carreira militar, entre outros casos particulares.

É importante destacar que grande parte dos alunos da terceira série demonstra comprometimento com as atividades da escola. Muitos deles possuem uma rotina de estudo e frequentam regularmente as aulas, o que resulta no baixo índice de faltas e reprovação. Menos da metade dos estudantes realiza alguma atividade laboral no contraturno, estágio ou trabalho remunerado. Alguns fazem cursos de idiomas e cursos técnicos, no Instituto Federal; também há os que possuem atividades culturais nas igrejas que frequentam, tais como aulas de instrumentos musicais, dança e teatro.

Sobre as profissões paternas que os alunos indicaram, levando em conta o valor relativo das respostas, observamos que há predominância de profissões que não requerem o nível superior de escolaridade para o desempenho da função, as quais estariam, possivelmente, mais relacionadas ao nível médio de ensino. Das profissões dos pais mencionadas pelos alunos, em menor quantidade estão aquelas que exigiriam ensino superior, como é o caso de professor, engenheiro, delegado, advogado e fisioterapeuta. Chama a atenção nos dados obtidos a indicação da função de motorista de aplicativo como profissão exercida por três pais, considerando que se trata de uma nova categoria de prestação de serviço que não requer do prestador um determinado nível de escolaridade.

Referente às profissões maternas apontadas pelos alunos, considerando a necessidade de relativizar as respostas, fica evidente que há um número maior de mães exercendo

profissões que requerem nível superior de ensino, como professora, dentista, contadora, analista, jornalista, turismóloga, advogada, psicóloga, farmacêutica e pedagoga, comparando-se aos dados relativos às profissões dos pais. Observa-se que trinta alunos declaram que suas mães exercem profissões que podem exigir nível superior, em contrapartida, nos dados obtidos sobre a profissão paterna, aparecem treze profissões. Por outro lado, há predominância daquelas que teriam o Ensino Médio como exigência de escolaridade, o que evidencia a condição social mista dessas famílias, uma vez que essas mulheres desenvolvem predominantemente trabalhos representativos da classe trabalhadora. Além disso, há um quantitativo pouco expressivo de profissões exercidas por algumas mães que não exigiriam um nível de escolaridade elevado. Tais informações, se comparadas com os dados obtidos no item de escolarização materna, estão em concordância com as profissões maternas indicadas pelos alunos, em que aparecem, em maior escala, as que possuem Ensino Médio, em seguida, aquelas que cursaram o ensino superior.

Com relação às práticas de leitura de seus familiares, por ordem de preferência, os pais leem livros religiosos, seguidos dos livros técnicos, jornais e revistas. Desse modo, oitenta alunos reconhecem que eles leem às vezes, quarenta e sete afirmam que os pais leem raramente, trinta e nove responderam que sempre leem e treze afirmaram que os pais não leem. Considerando que há um número expressivo de estudantes que declararam que nunca e raramente observam seus pais lendo, pressupõe-se que, no contexto familiar, esses jovens não têm contato com modelos de leitores, o que poderia influenciar em sua experiência com a leitura. Sabe-se que o contexto sociocultural em que o aluno está inserido pode ser propício ou não para despertar seu interesse pela leitura literária. Assim, o incentivo dessa prática no ambiente familiar, em que os pais figurariam como exemplos de leitores, seria um estímulo fundamental para a formação do sujeito leitor, como nos mostram algumas pesquisas consultadas (DALVI, 2013; PETIT, 2009; REZENDE, 2018; ROUXEL, 2018).

No caso dos alunos investigados, as práticas culturais escolhidas por eles, seguindo a ordem de preferência, foram: música, cinema e leituras (imaginamos que sejam obras de ficção), ou seja, três campos que dialogam. Trata-se de um dado rico para ser compartilhado no âmbito escolar, para que os professores possam, a partir das preferências dos alunos, relacionar a literatura e as outras artes já vivenciadas pelos estudantes.

Com base nesse raciocínio, acreditamos que seja importante incorporar nas práticas educativas o processo de escuta dos estudantes para que compartilhem suas experiências culturais com toda a turma. Assim, para o ensino de literatura, a estratégia de ouvi-los pode

ser importante para o professor pensar em maneiras de ampliar o repertório de leituras dos estudantes. Fazer discussões sobre a interface entre música e literatura, entre cinema e literatura, várias outras artes, as quais dialogam com o universo literário, talvez seja um caminho propício para envolver novos leitores. Busca-se verificar se as obras literárias apareceriam nas indicações dos estudantes quando se referem às atividades realizadas, tanto no âmbito escolar, para cumprimento de atividades, quanto àquelas escolhidas a partir do interesse pessoal.

Dos dados obtidos sobre o que leem, levando em conta a somatória de variados textos declarados por esses jovens, identificamos a predominância de obras da literatura, com mais de 33%. Esse quantitativo é expressivo comparado às opções seguintes: blog com 13,70% e e-mails/mensagens pelo celular aparece em terceiro lugar com 12,46%. Outro aspecto que se evidencia nessa questão é o livro didático aparecer como opção de leitura com 10,82% de indicação dos alunos, o que nos leva a inferir que, possivelmente, seja utilizado para cumprimento de atividades escolares e, por isso, foi relacionado às leituras realizadas, uma vez que é um material de uso dos professores e faz parte do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) que disponibiliza obras para os alunos da rede pública de todo o país.

De acordo com os dados obtidos, as referências das leituras preferidas variaram entre livros considerados *best-sellers*, os quais aparecem predominantemente nas respostas dos alunos, e aqueles que fazem parte das referências frequentes de obras clássicas, tanto estrangeira quanto brasileira. Suas predileções são justificadas, muitas vezes, pela identificação com a narrativa ou com o personagem: por ser uma história envolvente que prende a atenção; pelo teor histórico do romance; pela abordagem temática interessante; por instigar à reflexão. Também pela emoção vivenciada com a leitura do romance; por tratar de temas relacionados aos adolescentes; por abordar valores atitudinais; pela representação da vida cotidiana que leva a refletir sobre os acontecimentos atuais; pelo tom ficcional e imaginativo da obra. Enfim, nota-se a singularidade da experiência com a leitura literária (PETIT, 2009) e que, “embora a leitura seja em grande parte uma questão de família, também é influenciada por um contexto mais amplo, um ambiente que convida ou desestimula a aproximar-se dos livros” (PETIT, 2009, p. 148).

Conforme as declarações de alguns entrevistados, além de a família desempenhar um papel importante no estímulo e exemplo de práticas de leitura, outros fatores contribuem para motivá-los a ler obras literárias, como sua curiosidade ou interesse pessoal por determinado

assunto, pela recomendação de algum amigo, pela busca de entendimento sobre si e o outro e por querer conhecer novas histórias. Como exemplificação, reproduzimos a fala de um dos alunos entrevistados⁵ na pesquisa:

acho que... um livro que eu já tenha lido antes, talvez seja um 'ponta pé' para um livro seguinte. Por exemplo, quando eu comecei a ler Bucowiski, que é um dos escritores malditos da literatura Norte Americana, eu acabei lendo Hemingway também, porque ele havia citado um livro dele. Às vezes, eles estão 'linkados', né, juntos... (URANO, 2020, p. 230)

Destaca-se também a percepção de alguns entrevistados quanto à humanização promovida pelo texto literário, o que lhes possibilita um envolvimento na leitura a ponto de desenvolver a empatia como uma habilidade pessoal e compreender melhor a realidade que o cerca. No entanto, percebemos a ausência de relatos referentes à participação do aluno em atividades escolares que tenham estimulado práticas de leituras literárias, o que poderia indicar que em sala de aula não seriam desenvolvidas aulas de literatura significativas de modo a promover um maior envolvimento desses estudantes para que se sentissem estimulados a ler obras literárias. Como podemos observar na fala de dois dos entrevistados:

Da escola que eu estudava não tinham muitos projetos para incentivar a leitura, no fundamental, porque como era uma escola pública, o foco deles era alfabetizar todos [...] então as leituras eram mais de livros, leituras orais, para ver os alunos sabiam fazer (VÊNUS, 2020, p. 142).

Eu não tive muitas experiências de leitura quando eu 'tava' no Ensino Médio (NETUNO, 2020, p. 210).

Os entrevistados demonstraram que compreendem as várias possibilidades que a leitura literária oferece. Há aquele aluno que vai buscar uma determinada obra pelo potencial de entretenimento e, nesse caso, é possível pensar em estratégias didáticas para que seja trabalhada sua percepção sobre o universo literário de modo a envolvê-lo no processo humanizador da literatura (CANDIDO, 1972). Também há aquele aluno que declarou seu interesse pelo que há de ficcional e fantasia presentes em determinadas obras. Outros disseram que leem textos literários para estimular a imaginação ou até para aprimorar o conhecimento. De modo geral, são aspectos levantados pelos entrevistados, os quais nos dão pistas sobre a concepção que esses jovens leitores têm a respeito da literatura, que estaria relacionada à cultura, ao conhecimento, à criação artística e mesmo à dimensão social e pessoal desses adolescentes, conforme o seguinte relato.

Eu acho que... é, a literatura, é a forma de arte que mais consegue ser incisiva na nossa mente. Quando a gente ouve uma música, tem muitas músicas que contam

⁵ Para identificação dos alunos entrevistados, foram utilizados os nomes dos planetas como pseudônimos, preservando, assim, sua identidade.

muita história. Mas, quando a gente pega um livro e lê, é muito... muda muito mais. Depois de ler um livro... Tem um romance, de uma autora negra, brasileira, Úrsula, foi o primeiro romance liberal assim, no país. [...] É... Caramba, depois de você lê você fica... olha como o mundo era antes, e olha como a gente 'tá' hoje. Faz, com que gere uma indignação, de... um sentimento de mudança, tomo mundo é igual mesmo, a gente tem que lutar por isso, a gente tem de continuar lutando por isso, e eu acho que... Quando a literatura perde esse papel, perde o sentido também. Então, para mim o papel da literatura é esse, te fazer se questionar, te fazer... de alguma forma sair do seu estado natural, seja um romance que você fica extasiado de paixões... nossa, ou, uma crítica mesmo, enfim. É a pedra angular, a literatura (GAIA, 2020, p. 228).

Assim, constatamos que a forma com que os estudantes se relacionam com o texto literário, apropriando-se dele, está diretamente relacionada ao universo desses sujeitos, visto que cada leitor constrói as representações de leitura e demonstra seu entendimento quanto às dimensões sociais do texto, a partir de sua relação com a literatura.

Nesse aspecto, vimos nos depoimentos dos alunos entrevistados que suas lembranças de práticas de leituras literárias em sala de aula são bem reduzidas, durante a etapa do Ensino Fundamental. Poderíamos pensar que, talvez, a falta de relatos sobre essas práticas nas fases anteriores desde a infância até a pré-adolescência, decorra do esquecimento das experiências escolares passadas. No entanto, alguns puxaram da memória experiências de leituras vivenciadas nessa etapa, as quais foram significativas. Essa variação faz pensar se o esquecimento para alguns e a significância para outros são respostas pessoais ou consequências da quantidade e da qualidade das práticas desenvolvidas no Ensino Fundamental.

Ao chegar ao Ensino Médio, o estudante já percorreu anos de estudos, leituras e compartilhamento de aprendizagens diversas entre colegas de sala e professores. Também, pela sua idade, esse jovem, considerado sujeito social de direitos (ABRAMO, 2005), vem se constituindo enquanto sujeito leitor a partir de suas práticas, escolhidas por interesse pessoal, e por aquelas leituras realizadas no ambiente escolar, por indicação de professores ou para cumprimento de deveres. Cada aluno, à sua maneira, vai se relacionando com os textos literários e deles se apropriando com maior ou menor intensidade. Sabemos, também, que os estímulos externos, como o incentivo da família e as indicações de amigos, podem contribuir significativamente para despertar o interesse desse jovem por determinadas obras da literatura.

Desse modo, quando perguntados sobre suas experiências de leituras literárias realizadas no Ensino Médio, apenas um aluno relatou que conheceu a Literatura Brasileira e teve acesso a obras de Fernando Pessoa. Os demais entrevistados responderam que o ensino

de literatura no Ensino Médio não os estimulou a ler textos e não proporcionou momentos significativos com os livros em sala de aula. Alguns declararam que foram as indicações de leitura de amigos que os estimularam a ler, sendo um período no qual leram bastante, por divertimento e pelo “prazer” da leitura. Outros responderam que não tiveram experiências de leitura literária no Ensino Médio, mas que, por interesse pessoal, haviam lido várias obras da literatura estrangeira e brasileira.

Também buscamos verificar na entrevista com os alunos quais teriam sido as pessoas de seu meio social que influenciaram ou serviram de estímulo/inspiração para que adentrassem ao universo da leitura literária. As respostas nos levam a concordar com Michèle Petit que diz: “embora a leitura seja em grande parte uma questão de família, também é influenciada por um contexto mais amplo, um ambiente que convida ou desestimula a aproximar-se dos livros” (PETIT, 2009, p. 148). Assim, tanto familiares como amigos e professores podem desempenhar o papel de mediadores do processo de formação leitora desses sujeitos. Alguns depoimentos de alunos pesquisados evidenciaram o quão importante é a presença da família como iniciadores da formação leitora.

Pensar em uma prática de leitura baseada nas diferentes representações dos alunos, de acordo com seu repertório de vida e sua trajetória sociocultural, é considerar as relações estabelecidas entre o leitor e a obra lida e as diferentes maneiras com que esse sujeito se apropria do texto. Para Rouxel (2013), esse processo interpretativo representaria os modos de o estudante se relacionar com o texto, uma vez que “as ligações que o leitor estabelece consciente ou inconscientemente durante a leitura podem estar relacionadas a outros textos lidos anteriormente ou a saberes provenientes de sua experiência do mundo” (ROUXEL, 2013, p. 172). A autora acrescenta que:

[...] o texto lido é posto em relação com o vivido – presente ou passado – do leitor. A leitura interpela ou confirma sua experiência de mundo. [...] É evidente que a cultura literária de um sujeito conjuga em proporções variáveis, em função de seu percurso singular e de sua personalidade, saberes conceituais e saberes nascidos da experiência; ela associa aproximações históricas e intertextuais e fenômenos da interleitura (ROUXEL, 2013, p. 172-173).

Esse pensamento de Rouxel dialoga com as noções de prática, representação e apropriação ressignificadas por Chartier (2011), dado seu interesse pela história da leitura e pela abordagem interpretativa da literatura em interface com a história.

Paralelamente, as práticas de leitura literária e a forma com que o estudante se relaciona com o texto lido, apropriando-se dele, estão diretamente relacionadas ao universo desse sujeito, visto que cada leitor constrói as representações de leitura e demonstra seu

entendimento, quanto às dimensões sociais do texto literário, a partir de sua relação com a literatura.

Em termos de ensino, interessa-nos compreender de que modo o aluno leitor integra os processos interpretativos do texto lido e ressignifica essa leitura, ampliando sua reflexão sobre os aspectos relacionados a si, ao outro e à sociedade, pensando as questões da vida e “procurando as ressonâncias com os acontecimentos do mundo contemporâneo ou de seu cotidiano” (ROUXEL, 2013, p. 181).

Nesse sentido, os depoimentos dos entrevistados evidenciam sua percepção sobre o valor social do texto literário, pois todos trouxeram a lembrança de obras literárias lidas que lhes despertaram o olhar para diferentes questões ligadas ao relacionamento pessoal, aos interesses próprios sobrepondo-se aos interesses comuns, aos conflitos vivenciados por determinados personagens, às transformações do comportamento humano. Enfim, diferentes realidades presentes nas narrativas, sendo muitas delas representações de nossa sociedade atual.

Das práticas de leitura literária relatadas pelos alunos pesquisados, observamos a forma com que esses leitores se apropriaram de diferentes aspectos da literatura para além dos elementos estéticos presentes na obra. Eles demonstraram um envolvimento com o universo das narrativas, tecendo representações que envolvem a percepção sobre si, sobre as dimensões culturais, históricas e sociais do texto literário, aproximando-os, de certa maneira, dos acontecimentos do mundo. Também identificamos, em seus depoimentos, o reconhecimento de que a leitura de obras literárias lhes possibilitou desenvolver maior entendimento sobre a condição do ser humano na sociedade, resultando em um importante exercício de compreensão de si e do outro e revelando a verdadeira força humanizadora da literatura (CANDIDO, 1972).

É preciso destacar, no entanto, que tais experiências com a leitura de textos literários não fazem parte da realidade de todos os jovens, pois, como já ficou evidente, vários fatores contribuem para esse processo formativo, o contexto familiar, social e cultural do indivíduo. Por isso, defendemos que a prática de leitura literária, entendida como uma prática social, precisa ser incorporada nas aulas de literatura do Ensino Médio para que possamos ampliar as possibilidades de os alunos terem contato com a diversidade de obras.

Pensando em estratégias para potencializar o ensino de literatura, Dalvi (2013) nos apresenta alguns princípios que poderiam ser trabalhados na escola, dentre eles está a possibilidade de o professor “promover o maior número pensável de eventos de leitura

literária para que a memória (física, emocional, psíquica, linguística) do leitor de literatura efetivamente se constitua” (DALVI, 2013, p. 82). Nesse ponto, acrescentamos algumas atividades que poderiam ser desenvolvidas no ambiente escolar, de maneira interdisciplinar, estimulando o protagonismo juvenil, por exemplo: projetos de leitura literária; mural para trocas de experiências de leituras; espaço literário no horário do intervalo para os alunos compartilharem suas impressões de leitura; contação de histórias em turmas de séries diferentes; entrevistas com jovens escritores; conversa com escritor; criação de uma comunidade literária entre estudantes da rede estadual. Enfim, são inúmeras possibilidades educativas que podem estimular o envolvimento dos jovens e despertar seu interesse para a prática da leitura literária, cabe ao professor analisar a viabilidade de sua implementação e adequá-las a sua realidade.

Trata-se, assim, de não pensarmos apenas em estratégias pedagógicas para ressignificar as atividades com textos literários em sala de aula e incentivar a prática de leitura, mas também de buscarmos um caminho que garanta todas as condições necessárias à escola e ao professor para que realizem um efetivo trabalho com a leitura de obras em sala de aula, bem como os procedimentos pedagógicos que o ensino de literatura requer.

Considerações finais

O caminho trilhado neste estudo foi uma tentativa de evidenciar os dados mais significativos obtidos na pesquisa de mestrado, a qual buscou compreender como se constituem as experiências de leitura literária vivenciadas por jovens estudantes, concluintes da educação básica, a partir de suas práticas, apropriações e representações desses bens culturais, considerando tanto as práticas que foram proporcionadas pelas atividades educativas realizadas no âmbito escolar, quanto aquelas ocorridas em diferentes contextos sociais do jovem, por escolhas pessoais. Dessa maneira, analisou-se como essas duas instâncias se relacionam e de que modo as atividades de trabalho com a literatura promovidas pela escola resultam em experiências significativas de leitura literária para esses jovens participantes da pesquisa.

Assim, constatou-se que é fundamental garantir um espaço nas aulas do Ensino Médio para que os alunos possam ser ouvidos sobre suas experiências de leitura literária e possam exercitar efetivamente o ato de ler as obras em um ambiente propício para a prática da leitura, para o compartilhamento daquilo que foi lido e para que outras leituras possam ser trazidas para a conversa e interação entre os estudantes a partir da relação pessoal com os textos

literários. Desse modo, a escola contribuirá para promover a visibilidade dessa juventude e para mobilizar mais discussões, no âmbito acadêmico e das políticas públicas, sobre as necessárias adequações que devem ser realizadas para potencializar o ensino de literatura e as práticas de leitura literária no espaço escolar.

Conclui-se, ainda, que esses jovens possuem um repertório variado de leituras literárias, desde as obras consideradas *best-sellers* até aquelas identificadas como clássicos da literatura estrangeira e brasileira. O interesse pessoal por determinada leitura e as indicações de amigos, assim como o incentivo dos pais e familiares são apresentados pelos jovens como suas principais motivações. Por outro lado, é muito importante considerar que, segundo esses estudantes entrevistados, suas leituras não são decisões baseadas nas indicações dos professores, embora e alguns entrevistados reconheçam que certas atividades promovidas por professores, a partir de leitura e adaptação de textos literários, tenham sido interessantes e envolveram a participação de todos os alunos.

A percepção depreendida a respeito dessa situação é que, talvez, a forma com que esses professores sugerem possíveis leituras aos alunos possam ser entendidas como uma extensão das atividades escolares e não como uma possibilidade de ampliação de seu repertório literário. Ou, possivelmente, o estudante não tenha compreendido que tal indicação de leitura pudesse lhe oferecer momentos de reflexões sobre a vida humana e, principalmente, sobre questões relevantes aos jovens.

Por fim, verificou-se que os estudantes pesquisados estabelecem variadas formas de representação das leituras realizadas, conforme seu interesse, seu repertório cultural e expectativa com relação à obra. Porém, essas práticas se desenvolvem distanciadas das práticas educativas, pois não há o compartilhamento dessas experiências literárias e debate dos textos lidos em sala de aula, segundo os dados obtidos. Constatou-se que a maneira com que foram conduzidas atividades escolares de literatura não promoveram um significado positivo sobre os textos para esses estudantes e, por isso, não contribuiu para o estímulo a leituras de outras obras.

Sendo assim, considerando que o estudo suscita outras investigações sobre o tema, como, por exemplo, averiguar quais seriam as condições necessárias para que a leitura seja uma prática escolar no ensino de literatura, a expectativa é que a partir dos dados obtidos se possa fomentar outras discussões acerca da educação literária na sala de aula, principalmente sobre o trabalho que se pode fazer com os alunos concluintes da terceira série do Ensino

Médio, os quais já trilharam todos os percursos de aprendizagem da educação básica, embora muitos não tenham sido despertados para essa prática.

Referências

ABRAMO, H.W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In Freitas, M. V. de (Orgs.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação educativa, 2005. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/472_1175_cadernoJuv.pdf. Acesso em: 03 jun. 2020.

BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. v. 1 (Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias). Brasília: MEC/SEB, 2006, p. 49-86.

CÂNDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Remate de Males*. Antonio Candido. Unicamp: IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária, 1999, p. 81- 90. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 17 de janeiro de 2019.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. Ed. Portugal: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. Práticas de Leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Roger Chartier: do livro à leitura*. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

DALVI, Maria Amélia. Ensino de Literatura: algumas contribuições. In: Elzira Yoko UYeno; Mirian BUAB Puzzo; Vera L. B. da S. Renda. (Org.). *Linguística Aplicada, Linguística e Literatura: Intersecções proíficas*. Campinas: Pontes, 2012, p. 15-43.

MOREIRA, Herivelton; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: 2. ed. Editora 34, 2009.

REZENDE, Neide Luzia de. O ideal de formação pela literatura em conflito com as práticas de leitura contemporâneas. In: SANTINI, Juliana. *Literatura, crítica, leitura*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

REZENDE, Neide Luzia de. Apresentação ao leitor brasileiro. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (Org.). *Leitura subjetiva e o ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 7-18.

REZENDE, Neide Luzia de. A formação do leitor na escola pública brasileira: um jargão ou um ideal? In: ALVES, José Hélder Pinheiro Alves (Org.). *Memórias da Borborema 4: discutindo a literatura e seu ensino*. p. 37-54. Campina Grande: Abralic, 2014.

REZENDE, Neide Luzia de. *Leitura e escrita literárias no âmbito escolar: situação e perspectivas*. São Paulo, Estudos Avançados n. 93, 2018, p. 93-105. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v32n93/0103-4014-ea-32-93-0093.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

ROUXEL, Annie. *Mutações epistemológicas e o ensino da literatura: o advento do sujeito leitor*. Trad. Samira Murad. Revista Criação e Crítica, n. 9, p. 13-24, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaocritica> >. Acesso em 07 set. 2018.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (Org.). *Leitura subjetiva e o ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

Recebido em 14 de julho de 2020.

Aceito em 9 de novembro de 2020.